



A INTENCIONALIDADE COMO FRUIÇÃO-SENSIBILIDADE EM EMMANUEL LEVINAS

Frederico Santos Ferreira*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender a intencionalidade como fruição ou gozo, através de uma abordagem do conceito da sensibilidade na obra *Totalidade e Infinito* de Emanuel Levinas. Esclarecer como o autor toma a fruição como ‘viver de’ e sua conceitualização da sensibilidade. Num primeiro momento, entender a sua compreensão do mundo como alimento e sua crítica ao mundo como utensílios na concepção heideggeriana. Logo, esclarecer a mudança fenomenológica do autor que toma a intencionalidade como fruição. E, por fim, entender este gozo/fruição como a própria sensibilidade. Portanto, buscar o entendimento filosófico do autor lituano da intencionalidade a partir da sensibilidade, tornando-se um rico campo da investigação filosófica para compreensão do mundo, do homem e da própria ética.

Palavras-chave: Intencionalidade. Fruição. Gozo. Sensibilidade. Emmanuel Levinas.

1 Do mundo dos utensílios para o mundo como alimento

Para compreensão da intencionalidade como “fruição/gozo”¹ na fenomenologia levinasiana é preciso compreender a sua crítica à ontologia de Heidegger, sobre a sua concepção de ‘mundo’. Para melhor compreender esta crítica levinasiana utilizaremos a interpretação de Susin em seu livro *O Homem Messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinás*.

O ‘eu’ no mundo se dá pela alegria de viver neste mundo, diferentemente da concepção heideggeriana de um ‘eu’ jogado, segundo Levinas esta relação não é algo sacrificante, mas um mundo que me possibilita viver de... expressado por uma positividade primeira. Assim, Susin afirma;

* Aluno do Curso Pós-Graduação do Mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.
E-mail: frederico110782@yahoo.com.br.

¹ O termo em francês é “jouissement” ou “jouissance” que pode ser traduzido tanto por gozo como por fruição. Assim, os dois termos serão utilizados no decorrer do texto, no mesmo sentido, conforme a concordância, que busca expressar uma alegria de viver.

A relação primeira ao mundo é uma relação de gozo e de alegria de viver (jouissement), uma “fruição” do mundo da “fricção” ao mundo, gozo que comporta também a surpresa, o perigo e a dor. O mundo é uma primeira positividade, uma primeira possibilidade de afirmação. A relação ao mundo não está originalmente condicionada por uma “queda”, não se começa por “ser-jogado”: é na relação **de gozo** do mundo que se dá o nascimento do **eu** (SUSIN, 1984, p.35).

Através do gozo o ‘eu’ toca este mundo, o ‘eu’ percebe-se como possibilidade de afirmação, o ‘eu’ torna-se pessoal, surge à interioridade que se afirma a partir do ‘viver de’. A vida, vive-se, não precisamos de superestruturas, pois o simples fato de estarmos no mundo, já proporciona-me o gozo, a alegria de viver no mundo. A ideia levinasiana de mundo como algo positivo se dá pelo simples fato que o gozo está ligado a uma atitude feliz, um ser feliz de. Se às vezes falta-nos esta felicidade é por que nos perdemos no caminho, porém o gozo tem na sua natureza um olhar, uma presença da felicidade.

Desta forma o caráter ontológico de Levinas está associado a uma ideia de paraíso inicial que aborda o gozo tomando-o no mundo como um modo feliz, ‘feliz de ser’. A felicidade como plenitude no ‘ser’ é uma realidade terrena. “Não se trata tanto de plenitude de ser, mas de ente feliz ‘no’ ser” (SUSIN, 1984, p.36). Não busca uma definição ontológica da concepção de felicidade associada a uma ideia de totalidade, mas, concebe o gozo à subjetividade do homem, uma experiência pessoal do corpo presente a uma realidade.

Através da compreensão de um ‘ente feliz no ser’ Susin abrange o conceito de felicidade, afirmando que este é o modo próprio da intencionalidade do gozo. O mundo não é um mundo de objetos, mas de gozo, viver de... e não consciência de.... “primeira intencionalidade se liga ao ‘sabor’, e ao mundo como alimento” (SUSIN, 1984, p.36).

Se já encontramos-nos neste mundo e trazemos dentro de nós a possibilidade e a alegria do gozo, como podemos encontrar a manifestação deste gozo? Segundo Susin, Levinas toma o mundo como alimento e não como objeto. Esta é a grande mudança para estruturar o conceito de fruição, pois esta intuição “terá consequências no resto de sua filosofia: eleva as categorias existenciais a boca e o alimento como um modo fundamental de ser-no-mundo” (SUSIN, 1984, p.36).

Vive-se de boa sopa, do perfume da flor, da música, todas as coisas que estão de uma maneira interligada ao gozo é fortuitamente alimento. “Saboreia-se tudo isso, e tudo isso **nutre** a posição no mundo (...) a boca pode ser tomada, pois, como primeiro ‘ser-no-mundo’” (SUSIN, 1984, p.36). A boca se torna o movimento primeiro para o mundo antes mesmo que os nossos olhos estejam aberto ao saber.

Logo, as coisas para Levinas não são utensílios, não são meios, estão para além de serem simples finalidades, e, sim, estão permeadas pelo ‘prazer de viver’ alimentando a felicidade. O ‘eu’ corpo presente no mundo é alimentado pela própria interioridade do ‘eu’.

2 A compreensão da intencionalidade como fruição

Para compreendermos a importância da fruição na interpretação da intencionalidade em Levinas é preciso refletir sobre a sua crítica ao conceito de representação (SUSIN, 1984, p.36). Logo, para compreendermos a intencionalidade como fruição teremos como base a leitura do tópico ‘Fruição e Representação’ que se encontra no livro *Totalidade e Infinito* (2008).

A tese que o autor aborda é que toda a “percepção é percepção do percebido, toda a ideia é ideia de um *ideatum*, todo o desejo, desejo de um desejado, toda emoção, emoção de algo emocionante, mas todo o obscuro pensamento do nosso ser se orienta também para qualquer coisa” (LÉVINAS, 2008, p.113), assim sendo, debater sobre a fruição é se arremessar ao obscuro, aquilo que não tenha uma representação ou uma objetivação. Pois, o fruir se encontra no não intencional, e não em algo representado, ou objetivado pela consciência. Como se dá esta crítica a ideia de representação e do entendimento da intencionalidade como fruição?

Primeiramente o autor define que a intencionalidade como representação ou constituída numa representação é determinada pelo mesmo, preso numa definição a partir do ‘eu’, do *ego* no sentido husserliano. Assim, “o objeto da consciência, distinto da consciência é quase um produto da consciência, como <<sentido>> emprestado por ela” (LÉVINAS, 2008, p.114). Porém, Levinas quer ir além, encontrar uma forma de conhecimento que se dá anterior ao sentido que a consciência dá ao objeto. Esta diferença entre o objeto da representação e ato da representação é segundo ele a afirmação mais fecunda da fenomenologia Husserliana. Portanto, defende que Husserl não aprofunda esta diferença entre o ato e o objeto, ficando somente na representação, ou consciência de... no *noema* é preciso compreender que existe um movimento anterior.

Levinas afirma que a representação esta permeada de ideias claras e distintas conforme o pensamento de Descartes, que é necessário fazer uma crítica à doação de sentido, ou a objetivação da intencionalidade. Pois, no momento em que afirmamos uma representação, estamos criando uma ‘inteligibilidade’ do objeto intencional, e esta destrói a distinção entre o ‘eu’ e o objeto: “A inteligibilidade, o próprio fato da representação é, para o Outro, a

possibilidade de se determinar pelo Mesmo, sem determinar o mesmo, sem nele introduzir a alteridade, exercício livre do mesmo. Desaparecimento no Mesmo, o eu oposto ao não-eu” (LÉVINAS, 2008, p.115). É o Mesmo que define o outro, a representação é sempre um movimento que parte do mesmo, tomando o outro como objetivação de um ‘eu’, que não é sensibilizado pela alteridade, não existe uma relação, mas um conflito entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’.

A intencionalidade baseada na representação é patológica, pois não existe uma ligação entre o objeto e o sujeito, é algo totalmente diferente, o outro não consegue se expressar, o ‘eu’ toma conta desta relação, não existe nele uma oposição. “A identidade do Mesmo inalterado inalterável nas suas relações com o outro é de fato o eu da representação” (LÉVINAS, 2008, p.117). O sujeito que pensa a partir da representação é um sujeito que escuta somente o seu pensamento.

Como havíamos debatido antes, a partir da tomada de Levinas do mundo como alimento é preciso buscar uma intencionalidade não baseada na representação e sim na fruição. O corpo é tomado como elevação, como um corpo nu e indigente que busca perceber-se no mundo não objetivado, não constituído e não representado. O corpo indigente e nu é a própria obscuridade, irreduzível a uma representação da vida, a uma objetivação da vida “a sua indigência – as suas necessidades – afirma <<a exterioridade>> como não-constituída, antes de toda afirmação” (LÉVINAS, 2008, p.115).

É importante assumir a exterioridade, pois ela nos faz compreender que o Mesmo define o outro, e ao mesmo tempo por este é determinado. Não como simples reciprocidade como afirmava Kant na terceira categoria da relação. Somos tocados pelo viver de... pelo fluir, cuja a sua essência se encontra no corpo, o corpo que me da a minha posição na terra. “Pôr-se corporalmente é tocar uma terra, mas de um modo tal que esse toque já está já condicionado pela posição” (LÉVINAS, 2008, p.119-120).

Aquilo que vivo é anterior a representação, é constituído antes como alimento que me permite a minha alimentação. A importância do alimentar-se não está no ato de comer, ele é anterior à mordedura das coisas, “a corporeidade do ser vivo e a sua indigência de corpo nu e com fome é a realização complementar dessas estruturas” (LÉVINAS, 2008, p.120). Logo, quando buscamos saciar algo que já estava no nosso interior, existe uma assimilação do real que eu mordida com as forças do outro, tornando-me as minhas forças.

O corpo que me situa no mundo, que fixa o meu pé numa realidade é aquele que proporciona à consciência “emprestar sentido” a todas as coisas. Faz-me compreender que o mundo em que ‘eu’ vivo não é apenas o frente a frente, mas que é anterior e condiciona-me.

“A intencionalidade que visa é exterior, muda de sentido no seu próprio visar, tornando-se interior a exterioridade que constitui, vem de algum modo do ponto para onde vai, reconhecendo-se passada no seu futuro, vive do que pensa” (LÉVINAS, 2008, p.121). Nesse entendimento que a intencionalidade muda no seu visar², sendo interior a exterioridade se encontra e esta presente na sua própria essência do viver do pensamento.

A intencionalidade como fruição é este ‘viver de’, esta presença incompreensível, que não é constituída, mas que se encontra no viver. É uma mudança no movimento da constituição, uma mudança no jogo de sentido, “corpo indigente e nu é a própria mudança de sentido” (LÉVINAS, 2008, p.121).

3 Sensibilidade como fruição

Mas como se dá este movimento não intencional que se encontra no sujeito e que não é representado? Qual a natureza corpórea que pode definir melhor a fruição, o gozo? Segundo Levinas é a sensibilidade, pois esta não pertence ao elemento do pensamento e sim do sentimento, da afetividade. As qualidades sensíveis não se conhecem, vivem-se: o verde das flores, o rubro deste pôr do sol.

A sensibilidade não tem como pretensão instituir o mundo, pois o mundo sensível não tem como objetivo a constituição de uma representação, mas, por outro lado, já possui o contentamento da sua existência. “Sentir-se é estar dentro, sem que o caráter condicionado – e, conseqüentemente, inconsciente em si dessa ambiência que inquieta o pensamento racional – esteja de alguma forma envolvido na sensação” (LÉVINAS, 2008, p.127). O autor defende então, que o sentir já está presente, sem uma atitude que condicione esta presença, e isto é o que desacomoda o pensamento racional, por que de alguma maneira se encontra entrelaçado pela sensação. “A sensibilidade toca o avesso sem se interrogar sobre o direito – o que acontece precisamente no contentamento” (LÉVINAS, 2008, p.128).

O conceito de sensibilidade e sua fundamentação, como uma interpretação irracional, é buscada por Levinas em Descartes e Kant descrevendo que:

A profundidade da filosofia cartesiana do sensível, como dissemos, consiste em afirmar o caráter irracional da sensação, definitivamente ideia sem clareza nem distinção, tendo a ver com a ordem do útil e não do verdadeiro. A força da filosofia

² O termo ‘visar’ é frequentemente utilizado pela fenomenologia para designar a operação pela a qual a consciência é dotada de intencionalidade. Só há consciência de um objeto e só há objeto para uma consciência – quando essa volta a sua atenção para este ou aquele objeto. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2006. p. 132.

Kantiana do sensível consiste igualmente em separar sensibilidade e entendimento, em afirmar, mesmo negativamente, a independência da <<matéria>> do conhecimento em relação ao poder sintético da representação. Ao postular as coisas em si para evitar o absurdo de aparições sem que haja nada que apareça, Kant ultrapassa, sem dúvida, a fenomenologia do sensível é, por si mesmo, uma aparição sem haver nada que apareça (LÉVINAS, 2008, p.128).

O autor quer reforçar que a intencionalidade baseada na sensibilidade já havia sido debatida na história da filosofia, porém sempre refém, ou de uma maneira subordinada ao conhecimento racional. Levinas concebe que a ‘sensibilidade é fruição’ de um corpo sensível que busca a concretização da sua maneira de ‘ser’, logo, a sensibilidade é o próprio ato da fruição. O viver de, não precisa estar ligada a uma realidade inteligível, mas ao dado sensível que a sensibilidade alimenta-se, intimamente ligada a uma necessidade acumulativa. “Uma existência que tem esse modo é o corpo, ao mesmo tempo separado do seu fim (isto é necessidade), mas que vai já em direção ao fim sem ter de conhecer meios necessários para obtenção deste fim” (LÉVINAS, 2008, p.129). O corpo, a sensibilidade como fruição (viver de) toma o mundo como alimento e não como utensílios, não como meio, mas como vida própria, isto é, habita e possui.

A fruição faz-nos tocar um outro que nos gera insegurança, do incompreensível, reconhecendo-o numa morada. Porém, a grande preocupação é demonstrar que a sensibilidade é da ordem da fruição e não da experiência e nem da consciência de... “pois objetos sensíveis de que fruímos foram já objetos de um trabalho” (LÉVINAS, 2008, p.129). A terra, a realidade que me encontro, aonde acolho e dirijo-me para os objetos sensíveis, já satisfaz-me para o meu gozo. “A terra que me sustenta, sustenta-me sem que eu me preocupe em saber o que é mantém a terra” (LÉVINAS, 2008, p.129). Este lugar, este pequeno universo da minha vida cotidiana, abre-me um vasto horizonte de vivências que se oferecem, são elas que me fundamentam. “Acolho-os sem pensar neles. Fruo deste mundo de coisas como elementos puro, como de qualidades sem suporte, sem substância” (LÉVINAS, 2008, p.130).

O corpo faz-me presente no mundo, mantém-me no mundo. “Sou eu próprio, estou aqui, em minha casa, habitação, imanência no mundo. Minha sensibilidade está aqui. Não há na minha posição o sentimento da localização, mas a localização da sensibilidade” (LÉVINAS, 2008, p.131). Não existe uma negação do mundo e nem uma preocupação com o ‘ser’, com o *Da* heideggeriano, e sim a compreensão de que a fruição nos dá acessibilidade ao mundo, a sensibilidade que me liga, que localiza-me no mundo que me acolhe sem precisar dar sentido a minha localização.

Logo, a sensibilidade como fruição é sentir, é contentar-se com o que é sentido, sem ser pensado. A vida proporciona-nos o sentir-se no mundo, a fruição nos dá a vida na sua essência. Assim, Levinas afirma que “é a vida no sentido em que se fala de gozar a vida. Fruímos do mundo antes de nos referirmos aos seus prolongamentos: respiramos, caminhamos, vemos, passeamos, etc.” (LÉVINAS, 2008, p.132).

Considerações finais

Ao concluir este trabalho percebo que Emmanuel Levinas buscou esclarecer a importância de conceber um mundo não baseado nos utensílios, mas, sim, como alimento. O mundo se dá como alimento, não devemos objetivar as coisas, pois existe em cada sujeito a fruição, o ‘viver de’... a própria vida fala-nos, não precisamos explicá-la, compreendê-la.

O corpo nos dá o lugar, fixa os nossos pés na realidade, o gozo nos dá este ser feliz no ‘ser’, como possibilidade, como um não constituído, ‘não-eu’. O gozo, a alegria de viver coloca-me num mundo, faz com que me sinta tocado ao mesmo tempo em que toco está realidade.

Portanto, Levinas define que a fruição é sensibilidade, o mundo sensível é que direciona que desacomoda a nossa razão. Logo, a intencionalidade como fruição é entender que, o que existe de mais essencial no ser humano é a sensibilidade pura, sem a objetivação da razão, mas é este algo que existe sem precisar pedir licença pra entrar na nossa vida.

Referências

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2006.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Trad. Pergentino Pivatto. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Trad. Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget. 1997.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70. 2008.

SUSIN, Luis Carlos **O Homem Messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: Editora Vozes, 1984.